

E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO? A PROPÓSITO DE *CAIM* DE JOSÉ SARAMAGO

Dalila Silva Lopes

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

Instituto Politécnico do Porto

Portugal

dalop@iscap.ipp.pt

dalop@clix.pt

Como tudo, as palavras têm os seus quês, os seus comos e os seus porquês. Algumas, solenes, interpelam-nos com ar pomposo, dando-se importância, como se estivessem destinadas a grandes coisas, e, vai-se ver, não eram mais que uma brisa leve que não conseguia mover uma vela de moinho, outras, das comuns, das habituais, das de todos os dias, viriam a ter, afinal, consequências que ninguém se atreveria a prever, não tinham nascido para isso, e contudo abalaram o mundo.

Caim (p. 55)

O barulho provocado pela publicação de *Caim* era previsível, inevitável e desnecessário. Entendamo-nos: de barulho se tratou, e não de polémica, visto não ter havido, de facto, um dirimir de argumentos quer da parte de teólogos, quer da parte de Saramago. Num frente-a-frente entre José Saramago e o padre (e Professor de Teologia) Carreira das Neves emitido no dia 23 de Outubro de 2009 na SIC Notícias, o primeiro insistiu na legitimidade das interpretações literais da Bíblia, enquanto o segundo insistiu na necessidade das leituras simbólicas. Posta a questão a este nível, ambos têm obviamente razão.

Mas Saramago não é ingénuo, e a Igreja também não. Assistimos então a um jogo de gato e de rato entre ambas as partes, sem que a nenhuma interessasse revelar os porquês da insistência nas interpretações literais ou nas interpretações simbólicas. Ficámos assim com a sensação de um *déjà vu*, se nos lembrarmos do

barulho que em 1991 se seguiu à publicação de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*; desta vez, não houve um Sousa Lara a querer proibir o livro, mas apenas um obscuro eurodeputado português a dizer algo mais inócuo, mas igualmente disparatado, tanto mais que confessou não ter lido *Caim*, nem tencionar lê-lo. Entre 1991 e 2009 houve portanto uma evolução: o barulho foi muito menor. Conclusão para Saramago: vale a pena insistir.

E Saramago insiste. Porquê? Por pura questão de marketing? Porque a questão de Deus o incomoda, embora Saramago seja ateu? Porque Saramago, embora o negue, é um provocador? Penso que provavelmente por todos estes motivos, principalmente pelos dois últimos. Passemos então à análise de *Caim*; aí sim, podemos encontrar indícios esclarecedores.

Começemos então pelo princípio. Desta vez, Saramago classificou *Caim* como romance, tal como fez com *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, mas, ao longo do texto, foi fazendo algumas precisões. A páginas 58, Saramago chama-lhe “bíblica história”, e, mais adiante, a páginas 74, “relato [...] não tendo nada de histórico”. Estamos, portanto, perante uma obra de ficção, em que a personagem Caim funciona como um viajante no tempo e no espaço que assiste, participa e relata, do seu ponto de vista, uma série de episódios bíblicos. *Caim* é assim uma espécie de *travelogue*, com a particularidade de a viagem no tempo permitir a Caim passar em revista os episódios mais conhecidos do Antigo Testamento, ainda que, segundo a Bíblia, temporalmente muito afastados uns dos outros. A participação de Caim nesses episódios coloca-os, porém, num presente, num tempo que Caim recusa classificar de futuro, e sempre que se muda de episódio, trata-se de “súbitas mudanças de presente” (*Caim*, p. 93). A seguinte conversa entre Caim e Lilith é particularmente esclarecedora desta verdadeira *Deixis am Phantasma*⁹⁹:

*Vi coisas que ainda não aconteceram, Queres dizer que
adivinaste o futuro, Não adivinhei, estive lá. Ninguém pode
estar no futuro, Então não lbe chamemos futuro, chamemos-*

⁹⁹ Vide definição mais detalhada e exemplos em Bühler (1999: 80-81, 121 e ss.).

lbe outro presente, outros presentes, Não percebo, Também a mim ao princípio me custou a compreender, mas depois vi que, se estava lá, e realmente estava, era num presente que me encontrava, o que havia sido futuro tinha deixado de o ser, o amanhã era agora [...] (Caim: 134)

Este “jogo de presentes alternativos” (*Caim*: 93) faz com que Caim ultrapasse os limites de um mero espectador- relator, permitindo-lhe imiscuir-se nos episódios bíblicos mais marcantes. E Saramago usa esta estratégia de *Deixis am Phantasma* - em que, neste caso, a personagem principal se coloca em determinado(s) tempo(s) e espaço(s), transportando consigo o seu próprio sistema deíctico de coordenadas, e, o que é mais importante ainda, o seu livre arbítrio – para fazer Caim intervir nos ditos episódios bíblicos, e, ao mesmo tempo, criar um pretexto para narrativas que evidenciam puro gozo, em todas as acepções da palavra.

Assim, por exemplo, no episódio de Abraão, a quem Deus ordenara que sacrificasse o seu filho Isaac, num mero teste de fé, visto que o desígnio de Deus previa que o sacrifício fosse suspenso por um anjo no último minuto, o anjo chega atrasado, e é Caim que salva a vida de Isaac:

Chegas tarde, disse caim, se isaac não está morto foi porque eu o impedi. O anjo fez cara de contrição, Sinto muito ter chegado atrasado, mas a culpa não foi minha, quando vinha para cá surgiu-me um problema mecânico na asa direita, não sincronizava com a esquerda, o resultado foram contínuas mudanças de rumo que me desorientavam, na verdade vi-me em papos-de-aranha para chegar aqui, ainda por cima não me tinham explicado bem qual destes montes era o lugar do sacrifício, se cá cheguei foi por um milagre do senbor. Tarde, disse caim, Vale mais tarde do que nunca, respondeu o anjo com prosápia, como se tivesse acabado de enunciar uma verdade primeira. Enganas-te, nunca não é o contrário de

*tarde, o contrário de tarde é demasiado tarde, respondeu-lhe caim*¹⁰⁰. (Caim: 83-84)

Também a propósito do episódio da Arca de Noé (Capítulos 12 e 13), a pena de Saramago é exímia ao troçar das incongruências, falhas, demonstrações de ignorância, e, no geral, da infantilidade do texto bíblico, que uma interpretação literal necessariamente evidencia. E é assim que Saramago põe Caim a levantar inúmeras questões de vária ordem, começando por uma que diz respeito às leis da Física, questão essa que provoca a seguinte discussão entre Caim e Deus:

Então caim disse, Com estas dimensões e a carga que irá levar dentro, a arca não poderá flutuar, quando o vale começar a ser inundado não haverá impulso de água capaz de a levantar do chão, o resultado será afogarem-se todos os que lá estiverem e a esperada salvação transformar-se-á em ratoeira, Os meus cálculos não me dizem isso, emendou o senhor, Os teus cálculos estão errados, um barco deve ser construído junto à água, não num vale rodeado de montanhas, a uma distância enorme do mar, quando está terminado empurra-se para a água e é o próprio mar, ou o rio, se for esse o caso, que se encarregam de o levantar, talvez não saibas que os barcos flutuam porque todo o corpo submerso no fluido experimenta um impulso vertical e para cima igual ao peso do volume do fluido deslocado, é o princípio de arquimedes.(Caim: 159)

Sem argumentos para rebater os de Caim, Deus opta por uma solução do tipo *deus ex machina*: quando a arca estiver pronta, mandará que os seus anjos operários a transportem pelos ares para a costa mais próxima (*Caim*: 160).

¹⁰⁰ Em *Caim*, os nomes próprios aparecem todos escritos com minúscula, prática que José Saramago iniciou em *As Intermittências da Morte*.

Resolvida atabalhoadamente esta primeira questão, o escrutínio ao episódio da Arca continua, nomeadamente, a propósito dos animais que nela deverão embarcar. E mais uma vez, é com puro gozo que Saramago produz pedaços de prosa como o seguinte:

O senhor perguntou também a Noé como andava isso de juntar os animais que iriam na arca, e o patriarca disse que uma boa parte deles já havia sido recolhida e que, tão cedo a obra da arca terminasse, reuniria os que ainda faltavam. Não era verdade, era tão-só uma pequena parte da verdade. Havia realmente uns quantos animais, dos mais comuns, numa cerca instalada no outro extremo do vale, pouquíssimos se compararmos com o plano de recolha estabelecido pelo senhor, isto é, todos os bichos vivos, desde o paçudo hipopótamo à mais insignificante pulga, sem esquecer o que houvesse daí para baixo, incluindo os microorganismos, que também são gente. Gente, neste amplo e generoso sentido, são igualmente animais de que muito se fala em certos círculos estritos que cultivam o esoterismo, mas que ninguém se pôde gabar de ter visto. Referimo-nos, por exemplo, ao unicórnio, à ave fénix, ao hipogrifo, ao centauro, ao minotauro, ao basilisco, à químera, a toda essa bicharada desconforme e compósita que não tem mais que uma justificação para existir, a de ter sido produzida por deus em hora de extravagância, do mesmo modo que o jerico ordinário, dos tantos que enxameiam estas terras. (Caim: 162-163)

Levantadas as questões biológica e mitológica, Saramago prossegue na senda de ridicularizar o episódio da Arca, desta vez invocando hilariantes questões práticas que não lembrariam a ninguém:

[...] havia uma grande necessidade de mão-de-obra na barca, não de marinheiros, é certo, mas de pessoal de limpeza.

Centenas, para não dizer milhares de animais, muitos deles de grande porte, enchiam a abarrotar os porões e todos cagavam e mijavam que era um louvar a deus. Limpar aquilo, baldear toneladas de excrementos todos os dias era uma duríssima prova para as quatro mulheres, uma prova física em primeiro lugar, pois dali saíam exaustas as pobres, mas também sensorial, com aquele insuportável fedor a merda e urina que trespassava a própria pele. (Caim: 173)

Passemos agora das passagens que apelidei de puro gozo para aquelas que poderão ser consideradas como pura blasfémia. Aqui Saramago é particularmente veemente, confessando ele próprio que o faz “com nunca visto atrevimento” (*Caim*: 15)¹⁰¹. As instâncias desse atrevimento são tantas que se torna difícil uma selecção e análise. Vejamos então como e porque Saramago blasfema.

A propósito do bezerro de ouro feito por Aarão para servir de objecto de adoração, Saramago sublinha “a profunda maldade do senhor”, que mandou matar três mil homens, “só porque ele tinha ficado irritado com a invenção de um rival em figura de bezerro” (*Caim*: 106). E, ainda no rescaldo deste episódio, acrescenta: “Lúcifer sabia bem o que fazia quando se rebelou contra deus, há quem diga que o fez por inveja e não é certo, o que ele conhecia era a maligna natureza do sujeito” (*Caim*: 106).

Mais adiante, e pela voz de Caim em conversa com Lilith, Deus é considerado como “rematadamente louco” ou então pura e simplesmente maldoso (*Caim*: 136), pois

*[...] só um louco sem a consciência dos seus actos admitiria
ser o culpado directo da morte de centenas de milhares de*

¹⁰¹ A verdade é que não se trata propriamente de ‘nunca visto atrevimento’. Muitos outros autores foram tão ou mais veementes do que Saramago ao troçar de episódios bíblicos. Basta lembrar Eça de Queirós n’*A Relíquia*, ou Guerra Junqueiro no poema *Génesis*, tal como é referido na página 15 do *Jornal de Letras* de 4 a 17 de Novembro de 2009, por Carlos Reis e Gastão Cruz, respectivamente, nos artigos ‘A literatura como heterodoxia’ e ‘De todos os tempos’.

peçoas e comportar-se depois como se nada tivesse sucedido, salvo, afinal, que não se trate de loucura, a involuntária, a autêntica, mas de pura e simples maldade (Caim: 136).

E ainda pela voz de Caim: “Estou cansado da lengalenga de que os desígnios do senhor são inescrutáveis [...], deus deveria ser transparente e líquido como cristal em lugar desta contínua assombração, deste constante medo, enfim, deus não nos ama” (*Caim*: 142).

Como se tudo isto não bastasse, Saramago acaba por dar voz ao próprio Deus, que confessa a sua própria perfídia: “sou dotado de uma consciência tão flexível que sempre a encontro de acordo com o que quer que faça” (*Caim*: 156). Deus é ainda qualificado por Saramago como “rancoroso” (*Caim*: 85), “filho da puta” (*Caim*: 82), pouco inteligente (*Caim*: 101) e ganancioso (*Caim*: 112, 121), insultos amplamente decorrentes do co-texto da narrativa, embora Saramago, na entrevista acima referida, tenha admitido que, ao chamar a Deus “filho da puta” foi longe de mais.

Mas a verdade é que de toda a narrativa de *Caim* perpassa uma forte vontade de provocar – daí o insulto -, o que nos remete para as três questões colocadas de início, e, com isto, talvez possamos dar resposta a duas delas. De facto, desta breve análise, ressalta que Saramago consegue de uma assentada provocar a Igreja (e os seus crentes), o que por si só leva inevitavelmente a um marketing em que a própria Igreja é obrigada a embarcar. Para Saramago, ótimo.

Resta ainda a questão fulcral: por que insiste Saramago, sendo ateu, em escrever sobre Deus? Porque Deus o incomoda? Tudo indica que sim. E por isso Saramago cola-se à personagem Caim. Quando no texto se lê “Caim debate-se com a sua raiva contra o senhor como se estivesse preso nos tentáculos de um polvo” (*Caim*: 177), poderíamos dizer que o mesmo se aplica a Saramago. Deus, de facto, incomoda-o, Saramago quer matá-lo, e não tem outra maneira de o fazer a não ser escrevendo sobre ele. O que, por seu turno, provoca a ira da Igreja (e dos crentes) a quem muito conviria exterminá-lo. Mas não se pode. O que acontece com

Saramago e Deus é provavelmente igual ao que é profetizado já quase no final de *Caim*:

[...] o mais natural é que [Caim e Deus] tenham argumentado um contra o outro uma vez e muitas, a única coisa que se sabe de ciência certa é que continuaram a discutir e que a discutir estão ainda (Caim: 181).

Saramago e Deus também.

Nota

Esta recensão foi escrita antes da morte de José Saramago. Tudo o que nela é sustentado pela autora mantém-se. Não se pode exterminá-lo.

Bibliografia

BÜHLER, Karl (1999), *Sprachtheorie*, 3ª edição, Stuttgart: Lucius & Lucius.

CRUZ, Gastão (2009), 'De todos os tempos', in *Jornal de Letras*, Ano XXIX, nº 1020, de 4 a 17 de Novembro de 2009, p.15.

LOPES, Dalila (2006), 'Recensão de *As Intermittências da Morte* de José Saramago', in *POLISSEMA 6*, Revista de Letras do ISCAP, S. Mamede de Infesta, pp. 261- 263.

REIS, Carlos (2009), 'A literatura como heterodoxia', in *Jornal de Letras*, Ano XXIX, nº 1020, de 4 a 17 de Novembro de 2009, pp. 14-15.

SARAMAGO, José (2009), *Caim*, Alfragide: Caminho.

SARAMAGO, José (2005), *As Intermittências da Morte*, Lisboa: Caminho.

SARAMAGO, José (1991), *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, Lisboa: Caminho.